

CARLINHOS (*)

José Olympio da Rocha (**)

Por trás daquele agitado dinamismo escondia-se alguém que convivia incomodamente com a hipocondria. Um simples resfriado desabava sobre o seu humor, quase sempre contagiante, pois **Carlos Coqueijo** parecia respirar vida, aspirações, inesgotável dinamismo.

Considero-me um entre os seus incontáveis amigos que foram ajudados por ele. Convivi mais espontaneamente com o austero juiz que a morte prematuramente vem ao seu encontro, na melhor fase de sua vida: a do Carlinhos para os íntimos. O presidente do Clube de Cinema da Bahia, da Associação Atlética, do sociável e jovem magistrado de província, popular entre os juristas e a gente mais humilde da velha AAB, de porteiros, garçons e motoristas.

A calvície precoce, o físico de bailarino, o olhar sempre indagador, que se protegia das grossas lentes lhe emprestavam um ar de intelectual. E nunca foi mais do que isto: um intelectual, sensível à poesia, à música, à literatura. Envolveu-se com Walter da Silveira, então advogado trabalhista, militando num mesmo tribunal que ouvia as bem fundamentadas sentenças do juiz **Coqueijo Costa**, no mesmo obstinado manto negro de mistério que o cinema oferece. Os dois — **Coqueijo** e Walter da Silveira — trazem até a província, na lenta e melancólica década de 50, um festival internacional de cinema, com gente famosa como Alberto Cavalcante e Vinícius de Moraes. O poeta recém-chegado de Los Angeles, onde abandonara definitivamente o Itamaraty, escrevia a crítica cinematográfica de **Última Hora**. A Bahia via, então, em primeiríssima mão, graças ao expert Walter da Silveira, os clássicos de Murnau e Griffith até os documentários de O'Flaherty. Assistíamos aos desenhos animados experimentais canadenses, o cinema de vanguarda da Europa: Henry-Georges Clouzot recebe uma homenagem do Clube de Cinema da Bahia pelas mãos de **Coqueijo**. Já era então o realizador de **As Diabólicas**.

Alguém como **Carlos Coqueijo** ainda resistiu muito na província. Suas aspirações mostraram o mais curto caminho para a metrópole. No Rio convive com Stanislaw Ponte Preta, escreve crônicas amenas. Recordo como estava exultante quando Sérgio Porto sugere o título para sua crônica em **A Tarde**: "Mais Dia, Menos Dia". Com Jairo Simões na Bahia, desde os tempos de estudante, namora abertamente com a MPB. Com Vinícius e Caymmi conhece os amplos horizontes da vida de uma cidade grande. Boêmio sem conviver com o álcool (uma boemia que era um quase sacerdócio), **Coqueijo** conhece noites infundas ao lado do violão de João Gilberto e a doce filosofia do bom viver do poetinha Vinícius.

(*) "Tribuna da Bahia", sexta-feira, 22 de janeiro de 1988, pág. 4.

(**) José Olympio da Rocha é editor de Pesquisa e Literatura.

A curta e brilhante carreira de magistrado leva-lhe até aos tribunais de instância superior. Mas prefiro lembrá-lo nos almoços triviais do seu apartamento no Jardim Brasil ou nas reuniões de manhãs radiosas de sábado no Edifício Oceania, ao lado de Virdigal Sena (o mais cáustico e brilhante humor que viveu na década de 50 nesta cidade) com seus amigos do peito, Aloísio e Clovis Ribeiro; ou nas furtivas tardes quentes de verão, em rápidos encontros naquelas mesas de tampo de mármore do velho "Triunfo" de saudosa memória. Rostos saudosos, gargalhadas estridentes de Giovani Guimarães e Roschild Moreira. Parece que estou vendo a todos. Falávamos da vida, dos prazeres da vida.